ijexá fala de amor

Perfomances textuais de Raquel M Galvão < 2016 . 2018 >

CAMPINAS/SP. DEZEMBRO DE 2018

cidade neon

Aug 15, 2016

Degelo da aridez
numa velocidade ou frequência
autoimune aos olhares vidrados.
Lugar comum desconfiar dos encontros que não se concluem.
A impressão que não é tão simples assim interpretar a cidade.
O pó dos dias desabrocha no banheiro.
A outra
estremece
confunde
gestos e afetos
em um espaço todo verde.
E no vazio de cada salto
alto
as notas mal cansadas e carentes
uma esquiva (sem café).
Nomes que não estão nos mapas.
Gritos lá fora.
Silêncio para não dormir.

Tremor de desencontro.
Quem sente, sente:
Você batia lata.
Meu coração batia horrores.

Sep 5, 2016

Mar 2, 2017

Era como se vagarosa
eu quisesse dominar as linguagens
as tuas
vocabulários gravuras ideologias
diluídas, pupilas gastas
te vendo índia e rindo e perto
do suor do déjà-vu
ou mesmo aconteceu.

2009 talvez
o vídeo projetado na margem do mangue
dezenove pessoas sentadas em volta das mesas vermelhas do
bar
foi possível retornar
sonhar em grafitês
dominar o azul dos poetas
a eternidade da água
a educação pela pedra
sobrevivendo em teus olhos
e o sorriso claro
embaixo daquela mangueira
de tantas bocetas
mediadas pelas tuas olheiras
e teus braços de quem também não consegue dormir.

Observo abismada
a franja perfeitamente torta
ou a parte raspada do cabelo
índia, e repito, mezzi índia
relativa, ocupando

a tua casa pintada de nuvens
iluminada pelo cotidiano do sol e do mar e das peles negras
das realidades suspensas
de flores, vestígios, edições
de vidas, nossas próprias vidas
que não conseguimos em vão salvar.

Então, assustada, não mais desenganada
envolta na magia de tentar parar o tempo
como eu tentava
quando criança
voltando da roça com a bacia cheia de umbu de diversas varieda-
des.

E era como se na minha origem
recomeçasse uma dança
novamente a tua
nos irreversíveis embates dos deslocamentos, das fases
possuídas, imagino, pelos caminhos que foram cruzados
mais uma vez pela arte
misturadas em ideias
de estagnar imagens
materializando-as
em hipotéticas linguagens.

Logo depois
quando virei só corpo
porque o soul já estava em outro plano
ardia o sonho de uma permanência
e a barba dele não fazia mais sentido.

No ônibus que embarquei antes
era como se você já estivesse
entre os ambulantes ou picolés de mangaba
que são um alívio nesse calor insuportável
retornando para casa
te vendo nas cidades onde morei
conversando com os pajés
ocupando afetividades
de estradas possíveis de agora
em clarimundos
novos sonhos dessa dimensão
antropofágica
teus retratos
já em mim
e eu sentia
luz, relógio, wifi
uma sensibilidade acima dos limites
urgências e sorrisos
via redoma de bola de sabão
só nossa
nesta cidade
neste deserto
corações descompassados
e o susto do encontro
contigo
que agora me corta o cabelo
para me lembrar também:
índia.

Oníric[a]s

Jun 19, 2017

Acontece desde quando você fica rodopiando na minha cabeça. Como naquela música: “I want to drink the sweat off your intellect”. Akua Naru que eu desconhecia até então, na aleatoriedade de um scrobble. Exclusividade soul que ocorre. Prefiro a Badu, as criações dela, principalmente as últimas, me deixam sem chão. Palavras suas. Não, são as suas vozes encriptadas. Montagem. Dormência nas mãos. Frio. Não, não se tratam mais de invocações. Sei que você quer me ler. Eu também tenho pressa, mas não espero muito. Conheço algumas limitações, as minhas, imitações de limitações, simulacros alheios, domínio de decimais. Ontem, quando o acaso objetivo nos colocou frente a frente, quis aceitar a bebida desconhecida dentro da sua garrafa azul e prateada. Não consegui pensar rápido e responder imediatamente. Teoria intensiva de automatismo, é o que preciso. Pra dançar: você menina, me chamou de menina?, ficou invocada. Você sabe por onde eu caminhei para me chamar de menina? compreendo: apetite de erês. Um jogo de buracos, muito rápido, espelhos, esconderijos. As noites, agitadas. São notícias que desconheço. Acontece que: segue a fita. Passa você citando a Isadora Duncan: andar e dançar, a mesma coisa na vibração do corpo com o mundo. Já na vibração mais grave do baixo, que aguardo o próximo instante de um mar aberto com becos e vielas.

keywords

Avalanche, palavra que me contamina. É continuação sim. Já disse, não queria escrever nada que fosse. triste. Mas o que é tudo isso? Conceito e velocidade? Isolados. História de mesa de bar que saco. Dar close. Em que ponto chegamos? Pensar em bonanças. Mar aqui na frente e crianças na areia. vôo de balão, pulo do bungee, viagem para o Everest. Ideias que me contaminam. Avalanche. Equilíbrio é a chave.

Nov 8, 2017

em corres

o dia depois. anota.
todos os toques, tosses, respiros. fumaças.
você que demorou. você que não fala. você que tem medo de sofrer. você que não sabe por onde ir.
você que sou eu enquanto esperar.
colo, calo.
além do que me chega, sei o que te trouxe.
Contas incolores e azuis fazem uma franja iluminada em tua testa.
Eu, que agora faço festa, sei que na pulsão do desejo de vida que em mim mora, você sempre será ação.
[…]

Dez 19, 2018

2018
PELXS SOBREVIVENTES
AFETO, AMOR
FÉ,
OXUM, XANGÔ,
PROTEGIDXS SOMOS.

Textos que se salvaram da minha própria fúria de apagamento.
São rastros.

RAQUEL M. GALVÃO
raquelgcultura@gmail.com